

PRIMAVERA SECUNDARISTA: AS OCUPAÇÕES NAS ESCOLAS ESTADUAIS PÚBLICAS DE UBERLÂNDIA-MG EM 2016

Marili Peres Junqueira*

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o processo, os impactos e os desafios das ocupações das Escolas Estaduais de Ensino Médio ocorridas em Uberlândia no final de 2016. Uberlândia tem trinta escolas estaduais urbanas que oferecem Ensino Médio regular e presencial, e destas 25 foram ocupadas e a escola federal (urbana e rural) foi ocupada. O movimento de ocupação das escolas contra a PEC 55 e a MP 476 foi algo inédito para a cidade e transformador para os jovens. A análise foi realizada por meio da observação participante nas escolas ocupadas e pelas cartas de desocupação das escolas. Um dos pontos abordados na análise foi a modificação positiva com relação aos conhecimentos e conteúdos da Sociologia durante a ocupação e nas cartas de desocupação. Outra questão analisada por meio da teoria de Castells, foi a forma e a velocidade de comunicação realizada pelas redes sociais e similares entre os estudantes, professores e apoiadores do movimento de Uberlândia e com outras localidades. A comunicação foi fundamental para a abrangência, a sincronia e o rápido tempo de implantação das ocupações, cerca de uma semana e meia. O mesmo padrão de ocupação, interações e apoios entre as escolas mostram o poder da comunicação e da rede formada. A análise realizada nas cartas e nos depoimentos mostraram como foi importante existir o ensino de Sociologia naquele momento na escola. A Sociologia tem um papel fundamental na formação do estudante, mas não tem sido fácil o seu processo de efetivação e permanência na escola.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Ocupações. Uberlândia-MG. Movimentos Sociais.

SPRING HIGH SCHOOL: THE OCCUPATIONS IN THE STATE HIGH SCHOOLS OF UBERLÂNDIA-MG IN 2016

ABSTRACT

The present paper aims to present the process, impacts and challenges of the occupations of State High Schools that took place in Uberlândia at the end of 2016. Uberlândia has thirty urban state schools that offer regular and face-to-face High School, and of these 25 were occupied and Federal school (urban and rural) was occupied. The movement of occupation of the schools against PEC 55 and MP 476 was something unheard of for the city and transforming for the young people. The analysis was carried out through participant observation in the occupied schools and the disoccupation letters of the schools. One of the points discussed in the analysis was the positive change in relation to the knowledge and contents of Sociology during the occupation and in the disoccupation letters. Another issue analyzed through the Castells theory was the form and speed of communication carried out by social networks and similar among students, teachers and supporters of the Uberlândia movement and with other localities. The communication was fundamental for the comprehensiveness, the synchrony and the fast time of implantation of the occupations, about a week and a half. The same pattern of occupation, interactions and supports between schools show the power of communication and the network formed. The analysis carried out in the letters and testimonies showed how important it was to teach Sociology at that moment in school. Sociology has a fundamental role in student training, but it has not been easy for it to be effective and remain in school.

Key-words: Sociology Teaching. Occupations. Uberlândia-MG. Social movements.

LA PRIMAVERA DE LA ENSEÑANZA MEDIA: OCUPACIONES EN LAS ESCUELAS ESTADUALES DE UBERLÂNDIA-MG EN 2016

RESUMEN

El presente trabajo pretende presentar el proceso, los impactos y los desafíos de las ocupaciones de las Escuelas Estaduales de Enseñanza Media ocurridas en Uberlândia a finales de 2016. Uberlândia tiene treinta escuelas estatales urbanas que ofrecen Enseñanza Media regular y presencial, y de estas 25 fueron ocupadas y la escuela federal (urbana y rural) fue ocupada. El movimiento de ocupación de las escuelas contra la PEC 55 y

* Doutora em Sociologia pela UNESP-Araraquara. Contato: marili.junqueira@gmail.com

la MP 476 fue algo inédito para la ciudad y transformador para los jóvenes. El análisis fue realizado por medio de la observación participante en las escuelas ocupadas y por las cartas de desocupación de las escuelas. Uno de los puntos abordados en el análisis fue la modificación positiva con relación a los conocimientos y contenidos de la Sociología durante la ocupación y en las cartas de desocupación. Otra cuestión analizada por la teoría de Castells, fue la forma y la velocidad de comunicación realizada por las redes sociales y similares entre los estudiantes, profesores y partidarios del movimiento de Uberlândia y con otras localidades. La comunicación fue fundamental para el alcance, la sincronía y el rápido tiempo de implantación de las ocupaciones, cerca de una semana y media. El mismo patrón de ocupación, interacciones y apoyos entre las escuelas muestran el poder de la comunicación y de la red formada. El análisis realizado en las cartas y en los testimonios mostraron cómo fue importante existir la enseñanza de Sociología en aquel momento en la escuela. La Sociología tiene un papel fundamental en la formación del estudiante, pero no ha sido fácil su proceso de efectividad y permanencia en la escuela.

Palabras clave: Enseñanza de Sociología. Ocupaciones. Uberlândia-MG. Movimientos Sociales.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apreender a particularidade das ocupações nas Escolas Estaduais do Ensino Médio da cidade de Uberlândia-MG no final de 2016 frente as cartas de desocupação das mesmas. A velocidade e a abrangência das ocupações nas escolas foram surpreendentes e de grande impacto na cidade. Uberlândia localiza-se na região designada como Triângulo Mineiro no estado de Minas Gerais a uma distância de 553 Km de Belo Horizonte, 414Km de Brasília e 563km de São Paulo, sendo um importante polo comercial entre os grandes centros do Sudeste e o Centro-Oeste do Brasil¹.

A cidade de Uberlândia é um polo atrativo para a região do Triângulo Mineiro principalmente pós década de 1950. Têm-se os dados de deslocamento aferidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), algumas pesquisas no campo da economia como a de Ferreira sobre a caracterização de alguns fluxos migratórios para o Triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba. Para Ferreira (1998), o estudo econômico das características dos migrantes revelou, em resumo, que a população que se dirige para a região estudada tem baixa escolaridade, encontra-se entre as faixas de idade mais jovem (até 49 anos), sem expressiva variação de gênero, e deslocou-se para o Triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba em momentos de grandes mudanças na sociedade brasileira, certamente refletindo-as.

De acordo com Andrade (2006), no final da década de 70 a preocupação com a melhor distribuição populacional, levou o governo de Minas

Gerais a iniciar o “Programa de Centros Intermediários” para o estado, com ações dirigidas para melhoria das condições de vida da população, geração de emprego e maior infraestrutura social e urbana, dentre esses centros intermediários atendidos pelo programa encontra-se Uberlândia.

O discurso do progresso, da oportunidade e da prosperidade existentes em Uberlândia e propagados pela mídia e pelo estado foi um dos fatores mais apontados para o deslocamento populacional, embora não existam muitos estudos específicos, esses dados foram recolhidos em pesquisas que abordavam outras questões. O grande crescimento populacional é tido como um reflexo desse discurso e das políticas públicas já abordadas. Uberlândia é uma cidade de cerca de 604.013 habitantes em 2010 com uma estimativa de 669.672 para 2016², e teve sua industrialização acelerada com a desconcentração das grandes metrópoles a as medidas governamentais que estimulavam o povoamento do interior do país em meados do século XX.

Após essa breve contextualização de Uberlândia, o presente trabalho seguirá com foco na questão da Educação em Uberlândia em 2016 para o Ensino Médio especificamente, pois é o lócus da disciplina de Sociologia, e as ocupações das escolas, um pouco de sua história e de seu processo para a cidade. Em seguida, serão abordadas algumas cartas de desocupação das escolas e a relação com o Ensino de Sociologia, mostrando a relação entre ambas e como os conteúdos e conceitos de Ciências Sociais e de outras disciplinas influenciaram a redação dessas cartas. Pode-se inferir também que se os conteúdos e conceitos aflora-

1 A primeira versão desse texto foi apresentada no GT de Ensino de Sociologia no 18º Congresso Brasileiro de Sociologia de 2017 promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

2 Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=317020>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

ram nas cartas, esses estavam presentes também durante o processo de ocupação.

A EDUCAÇÃO E AS OCUPAÇÕES DAS ESCOLAS EM UBERLÂNDIA

A educação também se tornou um outro vetor de atração populacional para Uberlândia. A Universidade de Uberlândia foi criada pelo decreto 762, quando Rondon Pacheco, político local, exercia a função de ministro-chefe do gabinete do então presidente Arthur da Costa e Silva. Depois em 1978, ocorreu a federalização passando a se chamar Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Têm-se várias faculdades e universidades particulares que se instalaram na cidade para atender a população da região e da cidade. A UFU contava com 23.349 estudantes de graduação presenciais, 746 estudantes de graduação à distância, 481 estudantes de especialização à distância, 2.013 mestrados presenciais e 1.128 doutoran-

dos presenciais, segundo os Dados Gerais para o ano base de 2015³. Segundo dados do portal E-MEC, existem 12 instituições de Ensino Superior com sede em Uberlândia, sendo uma pública (Universidade Federal de Uberlândia-UFU), as outras 11 instituições são privadas⁴. Existem outras instituições de Ensino Superior que atuam em Uberlândia e são sedias em outras cidades, como é o caso do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro e da Universidade de Uberaba, ambas são sediadas em Uberaba.

Arelado ao crescimento populacional, Uberlândia disponibiliza para seus moradores não somente o Ensino Superior, mas também a Educação Básica. Na Sinopse Estatística da Educação Básica do INEP, têm-se os dados referentes ao Ensino Médio, pois a Sociologia enquanto disciplina está localizada no Ensino Médio e no Ensino Superior apenas.

Quadro 01 - Sinopse Estatística do Ensino Médio para Uberlândia em 2016 - INEP

	Total	Estadual Urbana	Privada Urbana	Federal Urbana	Federal Rural
Escolas	51	30	19	1	1
Matrículas	23.399	19.335	3.503	119	442
Docentes	1.380	1.015	320	21	55

A população total de Uberlândia para o ano de 2010 pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é 604.013 habitantes. Se análise for por faixa etária, tem-se 50.872 habitantes entre 15 a 19 anos em 2010. A expectativa de crescimento populacional para 2016 frente ao ano de 2010 pelo IBGE é de 10,87%, se aplicarmos este fator à faixa etária propícia para o Ensino Médio teremos o número de 56.401 habitantes. Desta forma, apenas 41,48% da população entre 15 a 19 anos estaria matriculada no Ensino Médio em Uberlândia, se essa faixa etária correspondesse exclusivamente às matrículas. Sabe-se que essa relação não é real, visto que muitos estudantes do Ensino Médio encontram-se em diver-

sas faixas etárias. Mas essa porcentagem possibilita ter uma relação aproximada de que a maioria dos estudantes em potencial do Ensino Médio não se encontram matriculados, a espelho do que ocorre no Brasil em geral. A população brasileira de fato possui uma baixa escolaridade iniciando sua evasão em grande medida no Ensino Médio.

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) é a única universidade sediada em Uberlândia a oferecer o curso de graduação em Ciências Sociais, tanto no grau de bacharelado quanto no grau de licenciatura. Após um longo processo interno de discussão e elaboração do curso de Ciências Sociais em 1996, ele foi aprovado pelo Conselho

³ Dados Gerais UFU 2016. Disponível em: <http://www.proplad.ufu.br/sites/proplad.ufu.br/files/media/arquivo/folder_dados_gerais_2016_ano_base_2015.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

⁴ São elas: Centro Universitário do Triângulo (UNITRI); Faculdade Católica de Uberlândia (FCU); Faculdade de Educação e Estudos Sociais de Uberlândia (FUNEEES Uberlândia); Faculdade do Trabalho (FATRA); Faculdade ESAMC Uberlândia (ESAMC); Faculdade Pitágoras de Uberlândia (PIT UBERLÂNDIA); Faculdade Presidente Antônio Carlos de Uberlândia; Faculdade Shalom de Ensino Superior (FASES); Faculdade Uberlandense de Núcleos Integrados de Ensino, Serviço Social e Aprendizagem (FAESSA); Faculdade UNA de Uberlândia (UNA) e Passo 1 (PASSO 1)

Universitário da UFU, por meio da Resolução 04/1996. Suas atividades iniciaram no primeiro semestre de 1997. Desde essa data, a formação para Ciências Sociais não foi interrompida na UFU, contou inclusive com uma ampliação dada pela implantação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em 2009 com a primeira turma iniciando em 2010. No ano de 2016, têm-se aproximadamente cerca de 47 professores de Sociologia atuando nas trinta escolas públicas estaduais de Ensino Médio de Uberlândia, destes 40 são formados em Ciências Sociais pela UFU, isto é, cerca de 85%. Esse índice é bem superior que a média nacional ou de Minas Gerais que gira em torno de 15% dos professores do Ensino Médio responsáveis pela Sociologia nas escolas de Ensino Médio são formados em Ciências Sociais⁵.

No final do século XX, a UFU implantava em seu processo de ingresso, o vestibular, a área de Ciências Sociais e de Filosofia. Em vista disso, muitas escolas de Ensino Médio, principalmente as privadas, incluíram em suas atividades a disciplina ou atividades de contra turno ligadas à Ciências Sociais e de Filosofia. A UFU foi uma das pioneiras a ter essa implantação no processo seletivo de ingresso de seus estudantes. Segundo Silva (2007, p. 418), a implantação do vestibular se deu a “partir de 1997, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e, a partir de 2003, na Universidade Estadual de Londrina (UEL). A Universidade Federal do Paraná (UFPR) aprovou a inclusão da Sociologia nas provas de vestibular, a partir de 2007.”

A Sociologia sempre foi uma disciplina que entrou e saiu nos currículos da Educação Básica. Depois de uma grande discussão e um árduo processo de reinclusão da Sociologia nesse final do século XX e início do século XXI, a Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, estabelece novamente a inclusão enquanto disciplina obrigatória em todas as séries do Ensino Médio, juntamente com a Filosofia. Em vista dessas ações, a formação para a docência no Ensino Médio ganhou destaque não só em Uberlândia como também nacionalmente.

Em 2010, ocorreu a ampliação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e a inclusão da Sociologia no PIBID/UFU/

CAPES. Criado em 2007 e implantado em 2008, o PIBID é um dos grandes programas de incentivo à docência na Educação Básica priorizando a formação de licenciandos, e talvez o mais importante dos últimos anos. Em um primeiro momento somente as áreas de Matemática, Física, Química e Biologia eram foco desse programa, depois ele foi ampliado para todas as áreas/disciplinas da Educação Básica. A UFU respondeu aos editais da CAPES implantando o PIBID em 2008 e depois o ampliando em 2010. O curso de Ciências Sociais recebeu então em 2010 suas primeiras vinte bolsas de iniciação à docência, duas para supervisores que são para professores da Educação Básica e uma para coordenação de área que se destina para professores da Educação Superior. Em 2016, o PIBID/UFU/CAPES subprojeto Ciências Sociais conta com 27 bolsas de iniciação à docência, três bolsas de supervisão e duas bolsas de coordenação de área.

Essa complexidade de fatores dentre eles um curso de licenciatura em Ciências Sociais, um vestibular que incluía conhecimentos das Ciências Sociais, um PIBID/UFU/CAPES com muitas bolsas, um grande número de docentes de Sociologia com formação na área leva Uberlândia a ter uma particularidade frente a realidade brasileira. Essa singularidade possibilitou também ter um quadro diferenciado nas ocupações que ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2016 nas escolas de Uberlândia.

Uberlândia contava em 2016 com trinta escolas estaduais urbanas que oferecem Ensino Médio regular e presencial, e destas 25 foram ocupadas, cerca de 83% desse segmento de escolas. O Instituto Federal do Triângulo Mineiro (Ensino Médio) também foi ocupado, tanto na sua unidade na zona urbana quanto na rural, e mais duas outras escolas de Ensino Fundamental Públicas foram ocupadas. Se observarmos as outras cinco escolas públicas de Ensino Médio que não foram ocupadas em suas particularidades tem-se uma amplitude ainda maior do movimento. Uma escola é de ensino semipresencial, e funciona com plantão de atendimento e horários de avaliação, então não possui aulas regulares. A segunda escola é uma unidade prisional. A terceira escola contava com apenas duas salas de Ensino Médio e era na sua grande maioria composta pelo En-

5 Ver: ZARIAS, MONTEIRO e BARRETO, 2014 e Censo Escolar do INEP.

sino Fundamental, que discutiu a possibilidade de ocupação e do contexto social e político, e decidiu em assembleia não ocupar a escola. A penúltima escola fez assembleia, mas votou por não ocupar a escola. A última escola fez assembleia, optou por ocupar a escola e no momento da ocupação recebeu de advogados e do Ministério Público oficialmente um pedido de reintegração, antes mesmo da ocupação de fato. As discussões que ocorreram todas as escolas também foi um impacto importante do movimento. Então se desconsiderarmos as escolas com ensino semi-presencial, a que está em unidade prisional, e a que foi impedida pelo Ministério Público de ser ocupada, apenas duas escolas em Uberlândia não foram ocupadas por opção própria, perfazendo um total de cerca de 93% de ocupação.

O movimento de ocupação das escolas teve como principais agentes desencadeantes a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 55 (antes nomeada como PEC 241) que limitaria os gastos públicos e a Medida Provisória 476 que reforma o Ensino Médio e seu fomento. Durante o processo de ocupações nas escolas a pauta foi se alterando, ganhando outras bandeiras de lutas nacionais, regionais e particulares de cada escola. Como por exemplo, uma das escolas ocupadas teve como ponto fundamental discutir a violência imposta pela arbitrariedade e ações da direção dessa escola para com os estudantes durante o ano letivo, ou em outra instituição como a violência do bairro modifica as condições de ensino-aprendizagem. No presente trabalho, essas particularidades não serão focadas pelos próprios limites inerentes à presente comunicação. Assim, serão abordados e analisados como essa singularidade de formação e ensino de Sociologia de Uberlândia possibilitou uma configuração diferenciada também nas ocupações das escolas públicas.

As ocupações de Uberlândia ocorreram de forma bastante rápida e em pouquíssimo tempo o número final de escolas ocupadas foi alcançado, cerca de dez dias. Essa articulação se espelhou em movimentos de ocupação anteriores e teve como meio de articulação utilizado pelos jovens estudantes as redes sociais virtuais, principalmente o Facebook e o WhatsApp. A partir de informações coletadas junto a diversas fontes como jornais de circulação nacional, blogs na internet, a “União Brasileira de Estudantes Secundaristas”, o movimento “Ocupa Paraná”, e a União Nacio-

nal dos Estudantes, os movimentos de ocupação mais notórios iniciaram em 2015 em São Paulo com suas pautas próprias e foram se disseminando entre estudantes de diversos estados do Brasil e também movimento similar do Chile anteriormente. Tendo em vista o êxito obtido em São Paulo com o não fechamento de escolas inicialmente proposto e a rediscussão do novo sistema de ciclos e o remanejamento de alunos, o processo de ocupação se tornou uma ação eficaz de luta e mobilização, e dessa forma se disseminando entre os jovens. O desgaste de algumas formas de reivindicação como a greve levou os movimentos de resistência a tomarem novas ações como as ocupações.

Para Castells, o uso desses meios virtuais de comunicação e outras questões relacionadas a isso denota uma sociedade da informação marcada pelo avanço das redes e de uma economia em rede - “sociedade em rede”. A identidade pessoal adquire um caráter muito mais aberto e fundamental, entendendo “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (CASTELLS, 2011, p. 57-58). Essa relação de pertencimento e de reconhecimento de sua identidade frente as redes formadas e a necessidade de estar atuando dentro desse movimento coletivo levou os estudantes e seus apoiadores a se articularem e mobilizarem em prol de um projeto futuro de educação. Claro que foram observadas muitas nuances e atuação de movimento sociais e políticos, mas foi estabelecido um consenso de ações para a educação e o Ensino Médio. Castells também observa o papel fundamental das tecnologias de informação nas transformações sociais por meio das alterações de sociabilidade entre os indivíduos que utilizam delas. Dentro das redes criadas pelos estudantes e seus colaboradores as interações sociais foram modificadas e se reorganizaram em prol de um projeto de futuro, muito semelhante ao que Castells denominou de identidade de resistência. Para ele, os atores sociais

que se em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios

diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. (CASTELLS, 2010, p. 24).

As trincheiras foram virtuais inicialmente depois se acoplaram as ocupações nos espaços reais dos estudantes e permaneceram ativas até o momento das desocupações para depois retornarem ao ciberespaço. Muitos blogs e Facebooks das escolas permanecem ativos com outras reivindicações imediatas, como também os grupos de WhatsApp com outras denominações e objetivos específicos, mas ainda com a preocupação de melhoria da educação como objetivo e projeto geral.

O rápido movimento de ocupações em Uberlândia foi muito articulado entre as escolas e os estudantes com o uso das redes virtuais de comunicação. Para além do Facebook, uma das formas de apoio e organização do movimento foi realizado por um grupo no WhatsApp chamado “Sociologia e amigos”. Esse grupo foi criado por professores do Ensino Médio preocupados com os rumos da Base Nacional Comum Curricular das disciplinas de Filosofia e Sociologia com o objetivo de articular professores da Educação Básica e professores da Universidade Federal de Uberlândia para fortalecer e consolidar essas disciplinas no Ensino Médio e a relação entre a Educação Básica e a Educação Superior. A criação desse grupo ocorreu por volta de um mês antes do início das ocupações, e foi aos poucos sendo colocados contatos dos professores ligados ao ensino dessas áreas. Contudo a partir da deflagração da ocupação da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Sousa, esse grupo mudou drasticamente seu objetivo e foi utilizado pelos professores para apoiar o movimento de ocupações com uma rede de arrecadação de doações de alimentos, produtos de limpeza e colchões, atividades de ensino-aprendizagem nas escolas, e informações sobre a conjuntura política, social e educacional no Brasil. Em um certo momento, ele chegou a ter cerca de duzentas pessoas inscritas incluindo estudantes do Ensino Médio e do Ensino Superior, advogados, professores das mais diversas áreas e moradores da cidade que apoiavam o movimento, ou não. Postagens feitas nesse grupo de declarações do Superintendente de Ensino, que também estava adicionado, foram utilizadas por advogados locais contrários às ocupações para processá-lo. Em virtude disso e por estar muito grande, foi

criado outro grupo denominado “Apoio às ocupações”, e se tornou em 2017 “Apoio às greves”. Além desses grupos, existiam outros grupos de apoio, das próprias escolas e das salas de aula. A articulação virtual do movimento de ocupação foi bastante intenso e caloroso, com discussões que se estendiam madrugada a dentro.

Outra questão do presente trabalho é a adoção da postura de ocupações das escolas, haja visto que em todas as escolas de Uberlândia ocorreram atividades de ensino-aprendizagem, atividades a que são destinadas as escolas. Portanto, em nenhum momento as escolas foram invadidas, que é uma tomada violenta de uma instituição que interrompe, destrói e impede seu funcionamento fundamental. Leva-se também em consideração que em todas as escolas ocorreram assembleias, muitas delas em vários turnos para o completo atendimento da comunidade escolar, para determinar se e quando ocorreriam as ocupações. Como colocado na carta de desocupação de uma das escolas “Não invadimos nossa escola, nós a OCUPAMOS porque ela nos pertence.”. Ressalta-se que na primeira escola ocupada em Uberlândia, a Escola Estadual José Ignácio de Sousa em 18 de outubro de 2016, a ocupação foi a partir de uma assembleia dos estudantes, somente depois da escola ocupada que os demais segmentos, direção, docentes e servidores realizaram uma grande assembleia que referendou a decisão tomada pelos estudantes. Essa escola foi fundamental para a construção do movimento, a posição de apoio e entendimento das reivindicações pela direção e pelos docentes foi amplo, inclusive com a liberação de uso dos computadores dos docentes para a comunicação e o uso da cozinha para a alimentação dos ocupantes.



Primeiro dia da ocupação da EE Professor José Ignácio de Sousa, 18 out. 2016, vinculada pelo aplicativo WhatsApp.

Os estudantes ocuparam as escolas reivindicando melhores condições de ensino-aprendizagem, de trabalho para os docentes e de estrutura do Ensino Médio e da Educação em geral. Dessa forma, entende-se como uma forma legítima de luta social estar na escola lutando por essa mesma escola. Jamais utilizado o uso da palavra invasão, já que as palavras estabelecem campos sociais, culturais e políticos. Para R. Williams (1979, p. 25),

uma definição de língua, ou linguagem, é sempre, implícita ou explicitamente, uma definição dos seres humanos no mundo. As categorias tradicionais principais - 'mundo', 'realidade', 'natureza', 'humano' - podem ser contrapostas ou relacionadas com a categoria de 'língua', mas é hoje um lugar comum observar que todas as categorias, inclusive a categoria de 'língua' são em si construções idiomáticas, e com isso só com esforço podem ser separadas da língua, e dentro de um determinado sistema de pensamento, para a indagação sobre relações.

As agendas das escolas eram divulgadas pelas redes sociais virtuais e também com cartazes nas portas das escolas. Abaixo alguns exemplos das agendas realizadas. Lembra-se que a produção gráfica e artística das agendas era tarefa de grupos de estudantes das próprias escolas. Era comum e recorrente, pela própria interação de comunicação entre as escolas, existir equipe de limpeza, de imprensa (recepção de visitantes, divulgação de atividades e interação do movimento), de atividades pedagógica, de segurança e de lazer. As equipes eram identificadas por crachás ou fitas coloridas nos braços dos estudantes, além de terem seus nomes e turnos afixados nas paredes internas das escolas. Essa organização era comum em todas as escolas, bem como uma lista com a identificação de visitantes ou palestrantes que entravam e saíam com seus números de documentos, apenas os estudantes das próprias escolas tinham livre acesso sem essa formalidade. A depender da relação estabelecida entre a direção da escola e dos docentes com os estudantes, esses também tinham livre acesso à escola. Observou-se que em algumas escolas quando a direção já havia uma relação prévia autoritária e violenta com os estudantes, eles estabeleciam relações restritivas aos docentes e dirigentes durante a

ocupação em uma relação de reprodução e espelhamento ao que era. Clara reprodução daquilo que lhes foi passado anteriormente pela própria escola. Quando a relação anterior era de respeito mútuo, as relações entre docentes, dirigentes e estudantes também o era durante as ocupações.

Cronograma de 20 de outubro de 2016, da Escola Estadual de Uberlândia, carinhosamente conhecida como Museu, por ser uma das primeiras escolas da cidade. A oficina de tranças incluía a discussão de identidade e cultura afro-brasileira, a oficina de pão incluía uma aula sobre biologia e fermentação, e a oficina de grafite sobre cultura hip-hop e exclusão da periferia. Todas as atividades eram realizadas por apoiadores do movimento e também por familiares dos estudantes.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupamuseu/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

Essa outra chamada para atividades é da Escola Estadual Profa. Juvenília Ferreira dos Santos. A foto ao fundo é do portão de entrada dos estudantes que recebeu as indicações da ocupação e essa foto foi utilizada durante o período de ocupação como pano de fundo para muitas comunicações virtuais. Essa mesma imagem era vinculada pelo Facebook e pelos grupos de WhatsApp. Percebe-se nessa chamada um horário para reunião como os pais dos estudantes. Essas reuniões eram recorrentes nas ocupações, os estudantes faziam entre eles e os responsáveis, e também chamavam professores e/ou palestrantes externos para explicar e apresentar a eles relatos das atividades de ocupação, debates sobre a PEC 55 (antes nomeada como PEC 241), a MP 746, questões de gênero dentre outros assuntos e temas.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaJuven%C3%A9lia-248492282220090/?fref=ts>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Este é outro exemplo de cronograma de atividades da Escola Estadual Jerônimo Arantes. Percebe-se claramente o padrão realizado pelas escolas durante as ocupações, a imagem da escola com o cartaz indicando o movimento e as atividades programadas de ensino-aprendizagem sobre temas que de fato dialogam com o momento de vida e o interesse dos estudantes, não são aqueles preconizados pela Secretaria de Educação em sua plenitude, apesar de resguardarem relações com esses conteúdos; dentre outras possibilidades de ações como feira de trocas e mobilização política.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupajeronimo2016>>. Acesso em: 27 out. 2016.

O estado do Paraná no final de 2016 possuía cerca de 9510 escolas, cerca de 850 foram ocupadas,

de acordo com os dados fornecidos pelo Movimento #OcupaParaná, o que representa cerca de 9% das escolas do estado. No Brasil, segundo a UNE cerca de 1100 escolas, 100 campi universitários e 90 IFEs foram ocupados, superando em números absolutos o movimento ocorrido no Chile, considerado um dos mais expressivos em termos mundiais, que chegou a atingir 600 escolas de um total de 12.116 (cerca de 5% das suas escolas ocupadas). Os dados de Uberlândia são novamente fora da curva com 83% das escolas públicas de Ensino Médio sendo ocupadas, sem mencionar o Instituto Federal e as duas escolas de Ensino Fundamental que foram ocupadas, ainda sem descontar as escolas de ensino à distância e do sistema prisional, que assim chegaríamos ao número de 93% das escolas de Ensino Médio Públicas da cidade. Até mesmo escolas particulares debateram sobre ocupação, a Reforma do Ensino Médio e a PEC 55. Esse amplo e forte movimento iniciado pelos próprios estudantes de Ensino Médio pela sua força de resistência contra as medidas do governo anunciadas nesse momento foi nominalizado nas redes sociais e por jornalistas como “Primavera Secundarista”. O termo secundarista vem de momentos históricos anteriores de resistência nesse nível de educação, apesar de receber a nomenclatura atualmente de “Ensino Médio”, fizeram o resgate em alusão ao passado de lutas. Dadas as proporções e reivindicações, surgiu um movimento de Ocupa Tudo dadas as necessidades frente a gama de reformas estabelecidas pelo Estado brasileiro.

Depois desse impacto na vida dos cerca de 19.000 matriculados em escolas ocupadas e suas famílias de Uberlândia, além de toda a relação econômica e comercial relativa a manutenção desse contingente para estudar como por exemplo bares, restaurantes, fotocopiadoras, papelarias dentre outros; do uso do espaço físico das escolas para o ENEM que necessitou ser adiado nesses espaços; da pressão do Promotor da vara da Infância e Juventude do Ministério Público de Minas Gerais que foi fortemente contrário ao movimento de ocupações e dos estudantes e das famílias também contrários às ocupações, as escolas foram desocupadas. As desocupações também foram rápidas como as ocupações, mas cada escola teve o seu tempo, seu debate, sua assembleia e fez as ponderações posteriores necessárias para encerrar as atividades pedagógicas anuais dentro do

cronograma estipulado pela Superintendência Regional de Ensino. Algumas poucas escolas depois de desocupadas foram reocupadas por alguns dias para debates internos e novamente desocupadas.

Cartas de desocupação e a relação com o Ensino de Sociologia

As cartas de desocupação foram um aprendizado a parte, sendo algumas delas uma verdadeira catarse de todo o movimento. A maioria das escolas fez a própria carta explicando os motivos da ocupação, o que ocorreu e os motivos da desocupação. Outras escolas optaram por apenas uma nota explicativa curta e breve. Percebe-se o processo autoral dos estudantes de cada escola, inclusive com incorreções gramaticais e uso da linguagem coloquial. As publicações foram obviamente pelos mesmos caminhos virtuais das ocupações, Facebook e WhatsApp, e também fisicamente nos muros das escolas.

A primeira carta que será destacada é da Escola Estadual Prof^a Juvenília Ferreira dos Santos de 09 de novembro de 2016.

Primeiramente, FORA TEMER!

Comunicamos aos pais, alunos, professores e comunidade que nossa Escola Prof^a Juvenília Ferreira dos Santos está oficialmente DESOCUPADA.

Nós lutamos e resistimos durante 20 dias. Somos gratos a todos que nos apoiaram de forma direta ou indireta, e saímos da nossa escola de cabeça erguida e com sentimento de dever cumprido.

Resistimos a inúmeras acusações e exigimentos, ao cansaço e ameaças, a calúnias e às tentativas FRUSTRADAS do Exm^o Promotor Jadir Cirqueira de manchar o Movimento Ocupa de Uberlândia. Resistimos por entender que as medidas do atual governo não são soluções e que afetarão drasticamente o nosso futuro. Não as aceitamos e JUNTOS continuaremos a lutar contra elas. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaJuven%C3%ADlia->

248492282220090/?skip_nax_wizard=true>. Acesso em: 10 nov. 2016)

Um dos pontos tratados merece ser contextualizado, a citação do Promotor da vara da Infância e Juventude que acusou os estudantes que faziam uma manifestação em frente ao Fórum local de estarem armados e restringindo sua saída. A manifestação ocorreu na porta da frente, ele saiu pelo estacionamento e os estudantes levavam somente cartazes em folhas de papel. Essa foi apenas uma das ações equivocadas desse promotor que merece destaque, dentre outras inverdades colocadas. Outra de suas ações foi a coibição do movimento de uma escola que havia decidido em assembleia pela ocupação, desta forma ela não foi ocupada. Na carta de desocupação da Escola Estadual Américo René Giannetti, salienta também a postura do promotor e agrega a relação que a imprensa tratou as ocupações. “Também sofremos com a falta de imparcialidade da mídia e com o autoritarismo e difamação do Ministério Público representado pelos Srs. promotor e juiz da Vara da Infância e Juventude.” (Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocuparene>>. Acesso em: 10 nov. 2016). Outra menção velada a postura que o promotor agiu perante o movimento foi na carta de desocupação da Escola Estadual do Parque São Jorge. “Determinadas autoridades, por sua vez, agiram de forma similar do que em tempos passados, reprimindo a funcionalidade do movimento. Alegaram que processaria e incriminaria os apoiadores e, também, os próprios professores que participassem da ocupação dando aulas, por exemplo.” (via WhatsApp em 6 nov. 2016). O papel da imprensa foi ressaltado na carta de desocupação da Escola Estadual Segismundo Pereira. “Descobrimos, também, que essa mídia, durante muito tempo, acobertou e impediu que vissemos outros diversos lados da política. Assim, como acobertou todo o lado proveitoso e positivo do nosso movimento.” (via WhatsApp em 6 nov. 2016). A carta de desocupação da Escola Estadual Felisberto Carrejo também manifesta seu repúdio à imprensa.

Durante esse tempo que nós mantivemos ocupados (11 dias) descobrimos o quanto somos fortes, descobrimos o que fazer quando o circo se fecha ao nosso redor e temos que tomar decisões rápidas e difíceis, aprendemos muito

sobre a política do nosso país, aprendemos a ter senso crítico, a compreender e entender tudo de errado que a mídia golpista nos passa. Todos que participaram do movimento amadureceram, aprenderam a lutar e ser muito forte quando a repressão política nos desencoraja. (via WhatsApp em 9 nov. 2016)

A carta de desocupação da Escola Estadual Sérgio Pacheco também elenca os enfrentamentos realizados pelo movimento de ocupação da escola.

Enfrentamos diversas provações durante o processo de ocupação, sobretudo hostilidades de pais, funcionários e alunos contrários à ocupação; veiculação de informações distorcidas e calúnias na imprensa; bem como as investidas do promotor de justiça, o qual recusou-se a receber o documento com as reivindicações do movimento. (via WhatsApp em 10 nov. 2016)

Um destaque da carta Escola Estadual Prof^a Juvenília Ferreira dos Santos foi a colocação que “Aprendemos em 20 dias de ocupação mais do que aprenderíamos em 1 ano de aulas regulares, e agora colocaremos em prática todo o aprendizado, só que nas ruas.” (Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaJuven%C3%ADlia-248492282220090/?skip_nax_wizard=true>. Acesso em: 10 nov. 2016). Essa relação foi recorrente durante a ocupação e depois dela que os momentos de aulas dentro das escolas por serem diferentes, com a predisposição dos estudantes para estarem nelas e com discussões que de fato eram pertinentes foi impactante na formação dos estudantes. Essa reflexão também aparece na carta de desocupação da Escola Estadual Sérgio Pacheco. “Nestes dias de ocupação aprendemos muito mais que todos os anos de ensino regular.” (via WhatsApp em 10 nov. 2016). Muitos não se interessavam por política, depois as aulas de Sociologia passaram a ter um interesse muito maior segundo os professores de Ensino Médio das Escolas Estaduais. Quando os estudantes vinham conversar com os professores externos às escolas durante os “aulões” como eram carinhosamente chamadas as palestras, era com uma bagagem e com leituras que antes não eram realizadas. Os

estudantes demandavam pelos temas, pesquisavam antes e debatiam com os palestrantes. Os aulões eram compartilhados e assistidos pelos professores do Ensino Médio e os estudantes, lado a lado, em muitos temas ambos eram alunos; em outros os professores de Ensino Médio aprendiam com os estudantes como por exemplo nas aulas de Hip Hop ou Capoeira; e em outras os professores de Ensino Médio podiam ser mais livres nas temáticas conversadas com os alunos, os professores de Artes palestravam sobre a conjuntura política. Foi um momento de docência para todos, os professores do Ensino Médio, os estudantes do Ensino Médio, a comunidade, os pais dos estudantes, professores do Ensino Superior e estudantes do Ensino Superior. Os estudantes de estágio supervisionado do curso de graduação em Ciências Sociais participaram dos aulões com vários temas ligados a sua formação como história e cultura indígena, indústria cultural, democracia, conjuntura política, movimentos sociais e também temas ligados a sua história de vida com aulas de yoga e instalação de hortas orgânicas. A sensibilidade de perceber o grande aprendizado durante a imersão na escola é um ponto muito positivo nessas cartas de desocupação da Escola Estadual Sérgio Pacheco e Juvenília Ferreira dos Santos. A carta de desocupação da Escola Estadual Américo René Giannetti toca o mesmo ponto de conteúdo e currículo. “Nesse tempo [de ocupação da escola], propusemos uma Educação sem amarras, desenvolvemos atividades pedagógicas condizentes com o currículo escolar, mas fora das salas de aula. Foram aulões, palestras, rodas de conversas, cine-debates, atividades culturais.” (Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocuparene>>. Acesso em: 10 nov. 2016).

A carta de desocupação da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Sousa, a primeira a ser ocupada na cidade, reflete conceitos e temas caros a Ciência Política, além é claro de uma análise da conjuntura e um amadurecimento peculiar e inesperado para estudantes do Ensino Médio de uma escola pública.

Mais uma vez na história de nosso país, as forças opressoras se impõem de forma autoritária para reprimir direitos de um movimento democraticamente organizado, tapando os olhos e ouvidos diante da insatisfação justificável dos estudantes. Vivemos um

momento de poderes corrompidos, com representantes que cospem diariamente na Constituição. Estamos em transição de um governo democrático e corrupto, para um governo autoritário e corrupto. Temos consciência de que o governo anterior também tomou medidas contra nossa classe, porém ainda estávamos sem fôlego. Aprendemos que os três poderes estão corrompidos pela imunda e notória corrupção. As oligarquias ainda estão vigentes neste país, beneficiando toda uma classe elitista. [...] Tivemos experiências inovadoras e convivemos como família em uma luta focada nesse retrocesso que caminha para uma ditadura velada, com um fascismo camuflado de democracia. [...] Muitos pais e mães se preocuparam mais com notas ou com as três semanas que precisariam ser repostas, ao invés dos vinte anos de congelamento dos investimentos para educação e saúde - princípios básicos de qualquer ser humano, garantidos em nossa Carta Magna em defesa do Estado Democrático de Direito. A falácia de redução de gastos públicos contraposta com a ganância do atual governo mediante o aumento da verba destinada à mídia e a outros privilégios de seus cúmplices no atual processo de espoliação nacional, só reforçam a importância de nossa luta. [...] Podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da Primavera. (Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentovozesdofuturo>>. Acesso em: 10 nov. 2016).

A reflexão sobre vários temas e debates contemporâneos são elencados nas cartas. A Escola Estadual Sérgio Pacheco reflete isso ao colocar que foram “chamados de desocupados, éramos jovens demais e nada sabíamos engraçado porque ao defenderem a redução da maioria penal temos consciência dos nossos atos, porém na hora de lutarmos por nossos direitos somos irresponsáveis baderneiros.” (via WhatsApp em 10 nov. 2016). A finalização da carta de desocupação da Escola Estadual de Uberlândia, Museu, também ressalta o aprendizado com as Artes Visuais e a Sociologia. “Desocupamos o Museu com a certeza de que esta escola já foi transformada, porque nós compreendemos que esse espaço pode e deve

ter mais cor, mais arte e mais diversidade.” (via WhatsApp em 21 nov. 2016). Uma das cartas faz uma bela reflexão sociológica e filosófica baseada em Nietzsche e também outros pensadores, a carta de desocupação da Escola Estadual Messias Pedreiro.

Segundo Nietzsche, torna-te aquilo que tu és. E aquilo que somos ou fizeram de nós está além das nossas forças, pois ao mortal não resta nada mais para desejar além daquilo que se passou. Então, quem sou eu? Ora, é impossível responder, porque a cada tempo é preciso tornar-se quem se é! Mas esse é aquele ponto alto, onde tudo já se está claro, onde já definimos o que somos, secundaristas que lutam por uma educação de qualidade, que seja libertadora, capaz de formar cidadãos críticos e conscientes, pois são tempos temerosos, não há como negar. [...] Como já dizia Charles Bukowski, romancista estadunidense: “A diferença entre uma democracia e uma ditadura consiste em que numa democracia se pode votar antes de obedecer às ordens”. [...] Não há como negar, nosso movimento entrará para os livros de História. [...] Aprendemos, na prática real, o que é democracia! [...] sobre a discussão tradicional de ensino que ocorreu na ocupação, devemos afirmar que aprendemos Matemática (mediana, moda, funções, probabilidade, combinação, dicas e macetes básicos, além de como calcular a nota de acordo com o curso, etc) História (regimes militares, cultura africana, da proclamação a república, etc) Biologia (discussão de gênero, ecologia, membranas plasmáticas, citologia, etc) Redação e Português (democratização do acesso à cultura, direitos humanos, comentaram vários temas, estrutura da redação, competências, etc) Geografia (agricultura, geopolítica, economia, mobilidade urbana) Inglês (como interpretar mesmo sendo leigo na língua, palavras chaves para resolver questões, cognatas) Química (termoquímica, reações, balanceamento, gases, química geral) Física (leis de Newton, dinâmica, eletrodinâmica, etc) Literatura (barroco, romantismo, realismo, vanguardas europeias, modernismo) Sociologia (clássicos, conceitos de cultura, indústria cultural, etc) Filosofia (pré-socráticos, feminismo, soronidade,

misandria, misoginia, teoria aristotélica, moral, ética, e parte da teoria de Sartre, Nietzsche e Baumam), etc. (via WhatsApp em 15 nov. 2016).

A imersão fez também que os estudantes tivessem uma relação de pertencimento à escola. O destaque fica por conta das seguintes frases da Escola Estadual Profa. Juvenília Ferreira dos Santos: “Não invadimos nossa escola, nós a OCUPAMOS porque ela nos pertence. E nós a entregamos da mesma forma que a encontramos, LIMPA e CONSERVADA com tudo em seu devido lugar.” (Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaJuven%C3%ADlia-248492282220090/?skip_nax_wizard=true>. Acesso em: 10 nov. 2016). A conservação das escolas era recorrente. Durante inclusive os finais de semana, dias de menor movimento na escola, era o dia propício a grandes limpezas. Em algumas escolas, os estudantes relataram que não deixavam as faxineiras limparem porque “a escola era deles”, mas elas ensinavam as equipes de limpeza dos estudantes a não desperdiçar produtos e organizavam as equipes. Deve-se ressaltar também que a reprodução da divisão de gênero era reproduzida apesar do vanguardismo do movimento. Em muitas escolas, as equipes de limpeza e da cozinha eram compostas prioritariamente por mulheres. Na carta de desocupação da Escola Estadual do Parque São Jorge, isso fica claro “A escola é nossa por direito. E enquanto aqui permanecemos, cuidamos dela como se fosse nossa casa, o que de fato foi. Todos os dias, nós lavamos as louças, os banheiros, as salas, os corredores e o pátio.” (via WhatsApp em 6 nov. 2016).

Outro destaque positivo é a finalização da carta Escola Estadual Profª Juvenília Ferreira dos Santos com uma relação positiva de futuro, uma relação de esperança, apesar do fim do movimento de ocupação. “Por fim, agradecemos a todos que nos apoiaram, e deixamos aqui nosso recado: tentaram nos enterrar, mal sabiam que somos sementes.” (Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaJuven%C3%ADlia-248492282220090/?skip_nax_wizard=true>. Acesso em: 10 nov. 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de ocupações em Uberlândia chegou ao fim pelo próprio desgaste natural de um grande enfrentamento a estrutura social vigente e também pela expedição de uma liminar do promotor da vara da Infância e Juventude do Ministério Público de Minas Gerais em 07 de novembro de 2016, sob a ameaça de aplicação ao Estado uma multa diária de 50 salários mínimos, ou seja, R\$ 44 mil, até o limite máximo de 500 salários mínimos. Algumas escolas foram desocupadas no dia da liminar, reocupadas poucos dias depois, e novamente desocupadas. Durante o mês de novembro o processo foi esse, desocupações, reocupações e muitas manifestações nas escolas, ruas e praças da cidade. Entre os meses de outubro e dezembro ocorreu também uma greve dos três segmentos da Universidade Federal de Uberlândia, que possibilitou e gerou também agendas conjuntas de enfrentamento pelos sindicatos dos docentes, dos técnicos e das ocupações das escolas. Em uma das manifestações de conscientização da população de Uberlândia promovida pela Associação dos Docentes da UFU (ADUFU) em dezembro de 2016 realizada na Praça Tubal Vilela, central na cidade e com escolas estaduais que foram ocupadas próximas, e com movimentados pontos de ônibus; era recorrente a abordagem de estudantes que colocavam que entendiam sobre a PEC 55, a MP 746, o Movimento da Escola sem Partido, mudanças propostas para a aposentadoria e a retirada de direitos pois tinham participado das ocupações. Foram nítidas a mudança e a conscientização geradas pela ocupação das escolas, os debates ocorridos geraram conhecimento. Outro destaque era o orgulho dos estudantes de se colocarem pertencentes ao movimento de ocupações, apesar da desocupação e de estarem com aulas em dezembro, período que normalmente é dado somente a recuperação, via-se a satisfação e a honra de terem participado do movimento, além do conhecimento gerado durante as ocupações. Os jovens sabiam perfeitamente a conjuntura política que estavam inseridos, sabiam argumentar criticamente sobre as reformas colocadas pelo governo e seus impactos.

O movimento foi efêmero, mas com perspectivas e viabilidade real de mudanças individuais e coletivas. Apesar da aprovação da PEC 55 e da MP 746, que se tornou a Lei 13.415 de 16 de fevereiro

de 2017, o movimento e amplitude alcançados pelas ocupações foi algo inédito para a cidade e transformador para os jovens, isso permanecerá no imaginário desses jovens. Durante as ocupações, não existia outro assunto na cidade, todos estavam envolvidos e debatendo as razões das ocupações, os temas a elas ligados e seus objetivos, além é claro do próprio modelo de reivindicações.

Esses padrões, interações e apoios entre as escolas mostram o poder da comunicação virtual e da rede formada na sociedade atual. Acredita-se que as ocupações não chegariam a ser um décimo do que foi, se essas redes não tivessem estabelecidas. Da mesma forma, acredita-se que o fato de existir a Sociologia no Ensino Médio, ao lado das disciplinas da área de Humanas como História e Filosofia, possibilitou uma outra compreensão do movimento como é refletido nas cartas de desocupação. A Sociologia tem um papel fundamental na formação do estudante, mas não tem sido fácil o seu processo de efetivação e permanência na escola e o futuro será pleno de lutas para a sua manutenção. Os jovens debatiam e sabiam claramente o currículo e a forma que gostariam e pretendiam nas escolas de Ensino Médio. Era evidente e latente que eles pleiteavam uma reforma do Ensino Médio, que como estava posto e vigente, bem como que o governo planeja, não era o que eles almejavam. A escola deveria ser modificada e o currículo deveria ser revisto. As propostas de currículo propostas e pedidas pelos jovens e o pertencimento que isso gerou durante as ocupações tornou clara a necessidade de uma reforma do Ensino Médio, tanto em currículo como na escola em si.

O presente texto é finalizado com a mesma ponderação externada na carta de desocupação da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Sousa com relação ao fim das ocupações em Uberlândia e a Primavera Secundarista de 2016. “Podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da Primavera.” (Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentovozes-dofuturo>>. Acesso em: 10 nov. 2016).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. A sustentabilidade apoiada pelas políticas urbanas federais e estaduais: o caso de Governador Valadares, Juiz de Fora Montes Claros, Poços de Caldas e Uberlândia. São Paulo, FAUSP, 2006.

Carta de Desocupação da Escola Estadual Américo Renê Giannetti. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocuparene>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Carta de Desocupação da Escola Estadual de Uberlândia (Museu). Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupamuseu/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

Carta de Desocupação da Escola Estadual Jerônimo Arantes. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupajeronimo2016>>. Acesso em: 27 out. 2016.

Carta de Desocupação da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Sousa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentovozesdofuturo>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Carta de Desocupação da Escola Estadual Prof. José Ignácio de Sousa. Disponível em: <<https://www.facebook.com/movimentovozesdofuturo>>. Acesso em: 10 nov. 2016

Carta de Desocupação da Escola Estadual Profa. Juvenília Ferreira dos Santos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaJuven%C3%ADlia-248492282220090/?fref=ts>>. Acesso em: 22 out. 2016.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

DADOS Gerais UFU 2016. Disponível em: <http://www.proplad.ufu.br/sites/proplad.ufu.br/files/media/arquivo/folder_dados_gerais_2016_ano_base_2015.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2017.

FERREIRA, E. W. Triângulo Mineiro e Alto

Paranaíba: características dos fluxos imigratórios (1980-1991). Dissertação (Mestrado) – Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1998.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2016. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 27 maio 2017.

Menezes, Jean de. Ocupação não é invasão! 27 out. 2016. Disponível em: <<http://www.carosamigos.com.br/index.php/colunistas/216-jean-de-menezes/8247-ocupacao-nao-e-invasao>>. Acesso em: 27 maio de 2017.

PORTAL E-MEC. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 27 maio 2017.

PORTAL IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=317020> e <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=317020>>. Acesso em: 27 maio de 2017.

SILVA, Ileizi L. F. A Sociologia no Ensino Médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. Revista Cronos. Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZARIAS, Alexandre, MONTEIRO, Allan e BARRETO, Túlio Velho. Mestrado profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio: a experiência nos horizontes da formação continuada para professores. Revista Brasileira de Sociologia. Vol 02, N. 03, Jan/Jun/2014.